

1

Deslizando através da escuridão do espaço profundo, o destróier estelar *Quimera* apontou sua forma triangular para o sistema-alvo, a três mil anos-luz de distância. E preparou-se para combate.

— Todos os sistemas de combate estão prontos, Grande Almirante — informou o oficial de comunicações de seu console. — A força-tarefa começa a acusar prontidão.

— Certo, tenente. Me avise quando todos estiverem a postos — disse o Grande Almirante Thrawn. — Capitão Pellaeon?

— Senhor?

Pellaeon procurava sinais de cansaço no rosto do superior. A exaustão que ele mesmo sentia. Afinal, não se tratava apenas de mais um golpe tático contra a Rebelião... não era um ataque a comboio, nem de uma expedição para atingir alguma insignificante base planetária e depois fugir. Após quase um mês de preparações frenéticas, a campanha de Thrawn para a vitória final do Império estava para ser lançada.

Mas se o Grande Almirante sentia alguma tensão, não dava nenhum indício disso.

— Comecem a contagem — ordenou, como quem pedisse o jantar.

Pellaeon voltou-se para o monitor holográfico traseiro, onde um grupo de figuras tridimensionais com um quarto do tamanho natural permanecia em posição de sentido.

— Sim, senhor. Cavalheiros, em posição de lançamento. *Belicoso*: três minutos.

— Afirmativo, *Quimera*. Boa caçada — desejou o capitão Aban, sem conseguir que sua aparência ocultasse a ânsia de combater a Rebelião.

A imagem estremeceu e desapareceu quando o *Belicoso* ergueu seus escudos defletores, cortando a comunicação de longo alcance. Pellaeon voltou-se para a imagem seguinte.

— *Incansável*: quatro ponto cinco minutos.

— Recebido — acusou o capitão Dorja, batendo o punho direito cerrado na palma esquerda, num antigo gesto mirshaf de vitória.

Em seguida, sua imagem também desapareceu. Pellaeon consultou o relógio de pulso.

— *Justiceiro*: seis minutos.

— Estamos prontos, *Quimera* — relatou o capitão Brandei, com voz suave e controlada.

Apesar da dissimulação, Pellaeon percebeu algo. Mesmo com a falta de detalhes na imagem reduzida, a expressão no rosto do oficial do *Justiceiro* era transparente. Ele queria vingança.

— Capitão Brandei, estamos em guerra — afirmou Thrawn, que se aproximara por trás de Pellaeon. — É a pior oportunidade possível para retaliações pessoais.

— Sei qual é meu dever, senhor — respondeu Brandei, em posição de sentido.

— Será mesmo, capitão? — indagou o Grande Almirante, fitando-o.

— Sim, senhor. — O brilho irado desapareceu dos olhos de Brandei. — Meu dever é para com o Império, para com o senhor e para com a nave e o pessoal sob meu comando.

— Muito bem — aprovou Thrawn. — Em outras palavras, seu dever é para com os vivos, não os mortos.

— Sim, senhor.

— Nunca se esqueça disso — avisou o Grande Almirante.

— A sorte da guerra pode melhorar e piorar, entretanto fique certo de que a Rebelião será punida pela destruição do *Implacável* no combate pela Frota *Katana*. Porém, o pagamento irá ocorrer no contexto de nossa estratégia geral, não como um ato de vingança particular. — Os olhos vermelhos estreitaram-se. — Além do que não permito uma atitude dessas em nenhum capitão do Império sob meu comando. Espero que tenha sido claro.

Pellaeon nunca tivera Brandei na conta de muito brilhante, mas era esperto o suficiente para reconhecer uma ameaça direta como aquela.

— Claríssimo, Grande Almirante.

— Ótimo — falou Thrawn, olhando para ele. — Já recebeu seu horário de lançamento?

— Sim, senhor. *Justiceiro* desligando.

— Continue, capitão — pediu o Grande Almirante, olhando para Pellaeon, que consultou a prancheta de leitura.

— *Nêmesis*...

Terminou a lista sem mais nenhum incidente e quando o último holograma desapareceu, a verificação final da frota completou-se.

— A operação está correndo dentro do horário planejado — comentou Thrawn quando Pellaeon retornou a seu posto, em frente ao console de comando. — O *Tempestade* informa que os cargueiros-guia foram lançados no horário, com todos os sistemas cem por cento. E acabamos de interceptar um pedido de socorro de Ando.

Eram o *Belicoso* e sua força-tarefa, bem no horário.

— Alguma resposta, senhor?

— A base rebelde de Ord Pardron acusou recebimento — informou o Grande Almirante. — Será interessante observar que tipo de reforços vão mandar.

Pellaeon concordou. A Rebelião já conhecia o suficiente as táticas de Thrawn para acreditar que o ataque em Ando seria um engodo e talvez respondessem de acordo. Por outro lado, uma força de ataque, de um destróier estelar e oito cruzadores Dreadnaught da Frota *Katana*, não poderia ser menosprezada.

Mandariam algumas naves para Ando para combater o *Belicoso* e mais alguns para Filve a fim de conter o *Justiceiro*, e outros para Crondre, contra o *Nêmesis*, e assim por diante. Quando a *Mão da Morte* atingisse Ord Pardron, a própria base teria suas defesas reduzidas e pediria de volta todos os reforços que a Rebelião pudesse reunir.

E era para lá que os reforços iriam. Deixando o verdadeiro alvo para o Império.

Pellaeon olhou pelo visor para a estrela do sistema de Ukio a frente, emocionado ao contemplar o enorme conceito de todo o plano. Com os escudos planetários, capazes de suportar qualquer quantidade de bombardeio turbolaser e de torpedos de prótons, a estratégia moderna convencional sustentava que a única maneira de subjugar um mundo

com escudo planetário era desembarcar forças terrestres de alta mobilidade, e mandá-las destruir o gerador de energia do escudo. Entre os disparos das tropas terrestres e o subsequente ataque orbital, o planeta atacado sempre estava em péssimo estado quando era tomado. A outra alternativa, que seria desembarcar centenas de milhares de soldados numa campanha bélica de grandes proporções, podia arrastar-se por meses, ou até mesmo vários anos. Era considerado impossível capturar um planeta ileso, com todos os geradores de escudos defletores funcionando.

Aquele dogma militar seria quebrado. Assim como Ukio.

— Interceptamos sinais de socorro vindos de Filve, Almirante. Ord Pardron responde — anunciou o oficial de comunicações.

— Ótimo. Mais sete minutos e podemos ir andando — disse Thrawn, apertando os lábios. — Acho que seria bom saber se nosso exaltado Mestre Jedi está disposto a fazer a parte dele.

Pellaeon ficou ressabiado. O superior referia-se a Joruu C'baoth, o clone maluco do falecido mestre Jedi Jorus C'baoth. No mês anterior declarara a si mesmo o verdadeiro herdeiro do Império. O capitão não gostava de falar com ele mais do que Thrawn; contudo, se não se apresentasse para fazê-lo, receberia uma ordem.

— Pode deixar que eu vou, senhor — ofereceu-se, levantando em seguida.

— Obrigado, capitão.

Como se pudesse ter recusado...

Sentiu a influência mental assim que saiu da zona de proteção dos ysalamiri espalhados ao redor da ponte de comando, em suas molduras nutrientes. Mestre C'baoth parecia impaciente para que a operação se iniciasse. Pellaeon preparou-se da melhor forma possível e, lutando contra a pressão imposta por C'baoth para que se apressasse, prosseguiu em direção à sala de comando de Thrawn.

O aposento estava iluminado, contrastando com luz suave e difusa que o Grande Almirante apreciava.

— Capitão Pellaeon, estava esperando por você — recebeu-o C'baoth, no meio do anel de monitores.

— O resto da operação tomou todo o meu tempo — respondeu o capitão com certa rigidez, tentando ocultar seu desagrado pelo outro.

Sabia, porém, como eram fúteis essas tentativas.

— Mas claro — assentiu o Mestre Jedi, sorrindo, divertido com o desconforto de Pellaeon. — De qualquer forma, não importa. Presumo que, afinal, o Grande Almirante Thrawn esteja pronto.

— Quase. Queremos esvaziar Ord Pardron o máximo possível antes de avançarmos.

— Você continua a presumir que a Nova República vai dançar ao tom da música do Grande Almirante?

— Eles vão cair — opinou Pellaeon. — O Grande Almirante estudou muito o inimigo.

— Estudou a arte do inimigo — repetiu C'baoth, com um careta de desdém. — Isto pode ser útil quando a Nova República só tiver artistas para lançar contra nós.

Um alarme no console livrou Pellaeon de responder.

— Estamos nos movendo — lembrou ele a C'baoth, iniciando a contagem mental dos setenta e seis segundos que levariam para chegar a Ukio.

Tentava afastar as palavras de C'baoth de sua cabeça. O próprio Pellaeon não entendia como Thrawn era capaz de descobrir os segredos de uma espécie através de sua arte. Mas tivera provas suficientes para confiar no instinto do Grande Almirante para esses julgamentos.

Por outro lado, o Mestre Jedi não estava interessado num debate honesto sobre o assunto. Durante o último mês, depois de ter se declarado herdeiro legítimo do Império, vinha fazendo uma certa guerra de nervos contra a credibilidade de Thrawn, insinuando que a verdadeira visão vinha da Força. E portanto, através dele, e não do Grande Almirante.

Pellaeon não concordava com o argumento. O Imperador mergulhara de cabeça nessa história de Força e nem ao menos fora capaz de predizer a própria morte em Endor. O fato, porém, era que as sementes de discórdia que C'baoth tentava semear começavam a brotar entre os oficiais mais novos de Thrawn.

Para o capitão, esse era outro motivo pelo qual o ataque teria de ser bem sucedido. O sucesso dependia tanto da interpretação de Thrawn sobre a cultura de Ukio, como de sua tática militar. Baseava-se na convicção de que os habitantes de Ukio tinham pavor do impossível.

— Ele não pode estar certo sempre — comentou C'baoth. Pellaeon sentiu um arrepio na espinha por ter os pensamentos invadidos.

— Você não tem nenhum respeito pela privacidade alheia, tem?

— Sou o Império, capitão Pellaeon — afirmou o Mestre Jedi, os olhos brilhando com fanatismo. — Seus pensamentos fazem parte de seu serviço a mim.

— Meus serviços são prestados ao Grande Almirante.

— Você pode acreditar no que quiser. — C'baoth sorriu. — Quando a batalha aqui tiver terminada, quero mandar uma mensagem para Wayland.

— Anunciando seu retorno, sem dúvida.

O Jedi insistia há quase um mês que pretendia retornar ao seu planeta, Wayland, onde assumiria o comando das instalações de clonagem do Imperador, no interior do monte Tantiss. Até então, tentava alterar a posição de Thrawn, que só conversava sobre o assunto, sem decidir nada.

— Não se preocupe, capitão Pellaeon. Quando a hora chegar, pretendo voltar a Wayland. Por isto quero que entre em contato com eles depois da batalha e ordene que criem um clone para mim. Um clone muito especial.

O Grande Almirante vai ter de autorizar isso, pensou Pellaeon.

— Que tipo de clone você quer? — Foram as palavras que saíram de sua boca, inexplicavelmente.

O capitão piscou, confuso. C'baoth sorriu, divertido.

— Desejo um servo. Alguém que estará esperando por mim cada vez que eu retornar. Feito com um dos troféus mais valiosos do Imperador. Amostra B, vinte e três, trinta e dois, cinquenta e quatro, se não me engano. Você irá, claro, exigir segredo absoluto ao comandante da guarnição.

Não farei nada disso, pensou Pellaeon. Mas não foi o que disse:

— Certo.

Escutar o som da própria voz concordando deixou-o chocado. Pellaeon prometeu a si mesmo que logo depois do término da batalha iria contar toda a conversa a Thrawn.

— Também irá manter esse pedido como um segredo entre nós dois — disse C'baoth. — Depois de cumprir meu desejo, você esquecerá

de tudo.

— Com certeza — concordou o capitão só para contentar o outro. Contaria tudo a Thrawn. O Grande Almirante saberia o que fazer.

A contagem atingiu o zero e o planeta Ukio apareceu no monitor principal.

— Devemos acompanhar no monitor tático, Mestre C’bath.

— Como quiser — respondeu o Jedi, acenando.

Pellaeon inclinou-se para tocar o botão apropriado no console e o monitor holográfico tático apareceu no centro da sala. O *Quimera* aproximava-se em sua órbita alta sobre o equador ensolarado; os dez cruzadores Dreadnaught que compunham a força-tarefa dividiam-se em posições exteriores e interiores de defesa. O *Tempestade* aproximava-se pelo lado escuro do planeta, fechando o cerco. Outras naves, comerciais e cargueiros, eram vistas penetrando nos orifícios que se abriam, por instantes, criados pelo Controle de Terra no escudo de energia de Ukio: uma bolha que parecia uma neblina azulada em volta do planeta. Dois pontos piscaram, em vermelho: os cargueiros-guia lançados pelo *Tempestade*, com aparência tão inocente quanto o resto dos veículos não militares, procurando abrigo no espaçoporto do planeta. Junto com eles, arrastavam quatro companheiros invisíveis.

— Invisíveis para quem não tem olhos para enxergá-los. — comentou C’bath, intrometendo-se de novo nos pensamentos de Pellaeon.

— Então agora pode ver as próprias naves, é? Como aumentou seu poder...

O capitão tivera a intenção de irritar C’bath um pouco. Porém, o esforço foi inútil.

— Consigo enxergar os homens dentro desse seu precioso escudo de camuflagem — afirmou o Mestre Jedi. — Posso ler os pensamentos deles e dirigir-lhes a vontade. O que importa o metal em si?

— Acho que devem existir muitas coisas que não importam a você — declarou Pellaeon. — E de soslaio, viu C’bath comentar com um sorriso:

— O que não importa a um Mestre Jedi não importa ao Universo. As naves de carga aproximavam-se do escudo.

— Eles vão largar os cabos de reboque logo que estiverem no interior da proteção do escudo — informou Pellaeon. — Está pronto?

— Aguardo as ordens do Grande Almirante — C’baoth estreitou os olhos e comentou cheio de ironia.

Por mais um instante Pellaeon ficou observando o Mestre Jedi e um arrepio percorreu-lhe o corpo. Lembrava-se da primeira vez que o outro tentara esse tipo de controle à longa distância. Recordou-se da dor que apareceu no rosto de C’baoth; o olhar agoniado com a concentração e o sofrimento demonstrado para manter o contato mental.

Cerca de dois meses antes, Thrawn dissera que C’baoth jamais seria uma ameaça ao Império, pois lhe faltava a habilidade de aprender a concentrar seu poder por muito tempo. De alguma forma, em poucos meses, C’baoth desenvolvera o controle necessário.

O que o colocava na posição de ameaça ao Império. Uma ameaça real e perigosa.

O intercomunicador sinalizou.

— Capitão Pellaeon?

Controlando da melhor forma possível os temores, o capitão estendeu a mão para o console e abriu o canal de comunicação. Por um instante, pelo menos, a frota precisava das habilidades de C’baoth. Felizmente, C’baoth também necessitava deles.

— Estamos prontos, Grande Almirante.

— Fiquem de prontidão! Os cabos de reboque foram soltos agora.

— Estão livres — confirmou C’baoth. — Estão se movendo para os pontos determinados.

— Confirme que estão abaixo do escudo planetário — pediu Thrawn.

Pela primeira vez um lampejo do cansaço anterior passou pelo rosto do Mestre Jedi. Com o escudo impedindo que o *Quimera* detectasse os cruzadores e ao mesmo tempo bloqueando os próprios sensores das naves camufladas, a única maneira de saber onde estavam, era que C’baoth localizasse as mentes que tocava de forma precisa.

— As quatro naves localizam-se abaixo do escudo — informou ele.

— Tem certeza absoluta? Se estiver errado...

— Não estou errado, Grande Almirante — interrompeu C'baoth.
— Vou fazer minha parte nessa batalha. Preocupe-se com a sua.

Por um instante o intercomunicador permaneceu em silêncio. Pellaeon pôde imaginar a expressão de Thrawn.

— Muito bem, Mestre Jedi. Prepare-se para fazer a sua parte. Escutaram o ruído de abertura do canal de comunicação.

— Aqui fala destróier imperial *Quimera*, chamando o comando de Ukio — contatou o Grande Almirante Thrawn. — Em nome do Império, declaro que o sistema de Ukio está de novo sob a nossa jurisdição e sob a proteção de forças imperiais. Baixem o escudo, desativem todas as unidades militares e preparem-se para uma troca organizada de comando. — Não houve resposta. — Sei que estão recebendo esta mensagem — continuou Thrawn.

— Se não responderem, serei obrigado a presumir que pretendem resistir. Nesse caso, não me restará outra alternativa, a não ser iniciar as hostilidades.

Outra vez, apenas o silêncio.

— Estão transmitindo. Parece um pedido de socorro, mais urgente do que o primeiro — informou o oficial de comunicações.

— Tenho certeza de que o terceiro vai ser ainda mais urgente — comentou Thrawn. — Prepare-se para disparar a primeira seqüência. Mestre C'baoth?

— Os cruzadores estão prontos. E eu também — anunciou o Jedi.

— Espero que sim. A menos que o sincronismo seja perfeito, todo esse espetáculo será inútil. Bateria três de turbolaser: disparem a seqüência um à minha contagem. Três... dois... um... fogo.

No holograma tático, um raio duplo esverdeado saiu das baterias do *Quimera* na direção do planeta abaixo. Os disparos tocaram a névoa azulada e compacta do escudo planetário, espalhando-se quando a energia foi dissipada e refletida de volta ao espaço...

Quase ao mesmo tempo, os dois cruzadores camuflados que pairavam abaixo do escudo, ativaram seus turbolaser através da atmosfera, apontados para duas das maiores bases de defesa terrestre.

Isto foi o que Pellaeon viu. Os habitantes de Ukio, sem saber dos cruzadores camuflados, assistiram à passagem de dois disparos pelo seu

até então impenetrável escudo planetário.

— Terceira transmissão interrompida, senhor — anunciou o oficial de comunicações, sorrindo. — Acredito que tiveram uma surpresa.

— Pois vamos convencê-los de que estamos falando sério — disse Thrawn. — Preparem a sequência número dois. Mestre C'baoth?

— Os cruzadores estão prontos.

— Bateria dois: prepare-se para disparar à minha contagem. Três... dois... um... fogo!

Novamente o raio esverdeado representando o turbolaser surgiu na imagem holográfica e os cruzadores fizeram sua parte, completando a ilusão.

— Muito bem — disse Thrawn. — Mestre C'baoth, mova os cruzadores para as posições três e quatro.

— A sua ordem, Grande Almirante Thrawn.

Inconscientemente, Pellaeon preparou-se. A sequência quatro possuía como alvo dois dos trinta geradores do escudo planetário. Deflagrar tal ataque significaria que Thrawn desistia do objetivo inicial de tomar Ukio com as defesas intactas.

— Destróier Imperial *Quimera*, aqui é Tol DosLla, do Centro de Comando de Ukio — anunciou uma voz do comunicador.

— Pedimos que cesse o bombardeio enquanto discutimos os termos da rendição.

— Meus termos são muito simples. Você vai começar desligando seu escudo e permitindo que minhas forças terrestres desembarquem. Elas receberão o controle do escudo e de todos os centros de armamentos de defesa espacial. Todos os veículos bélicos de porte médio serão recolhidos para as bases designadas, passando ao controle do Império. Apesar de permanecerem disponíveis para nós, seu sistema político e social continuará como sempre, sob o controle de seus líderes. Desde que o povo não se amotine, claro.

— E uma vez que essas mudanças sejam implementadas?

— Então farão parte do Império, com todos os direitos e deveres que essa situação gera.

— Não vão cobrar impostos de guerra? — indagou desconfiado DosLla.

— Nem fazer convocação forçada de nossos jovens?

Pellaeon podia imaginar o sorriso de Thrawn. Não, o Império não repetiria mais as convocações forçadas. Não enquanto a coleção de cilindros Spaarti de clonagem funcionasse a contento.

— Não. Como deve saber, quase todos os mundos do Império pagam impostos de guerra, porém existem exceções. E provável que a parte de vocês seja paga com a produção de alimentos e manufaturados.

Uma longa pausa seguiu-se às declarações de Thrawn. DosLla não era bobo e Pellaeon acreditava que sabia muito bem quais os planos do Grande Almirante para o planeta. Em primeiro lugar, iria apossar-se do controle das defesas espaciais e terrestres, depois passaria a dirigir o sistema de distribuição de alimentos, as fábricas e os vastos complexos de agricultura e pastagens. Em pouco tempo, todo o planeta se tornaria apenas um fornecedor para a enorme máquina de guerra do Império.

— Vamos baixar os escudos planetários, *Quimera*, como prova de boa vontade — disse DosLla, mantendo o tom de desafio, mas já derrotado. — Quanto às instalações de armamentos espaciais e terrestres serem entregues ao Império, precisamos de certas garantias em relação à segurança do povo de Ukio, e quanto ao nosso território.

— Com certeza. Um representante está a caminho para discutir os detalhes com seu governo. Enquanto isto, presumo que não faça objeção a que nossas tropas assumam posições defensivas?

Thrawn não tripudiou sobre os vencidos, como muitos outros teriam feito. Uma pequena cortesia, bem calculada, assim como o restante do ataque. Permitia que os líderes de Ukio conservassem sua dignidade, diminuindo assim a resistência, até que fosse tarde demais.

Um suspiro se fez ouvir pelo comunicador.

— Não fazemos objeções, *Quimera*.

No holograma tático, o escudo azulado apagou-se.

— Mestre C’bath, coloque os cruzadores em posições polares — ordenou Thrawn. Não queremos que nenhuma das naves de transporte esbarre num deles. General Covell, pode começar a levar suas forças

para a superfície. Assuma posições defensivas ao redor de todos os objetivos e áreas de segurança.

— Certo, Grande Almirante — respondeu o general, um tanto ressabiado.

Pellaeon sorriu, ao perceber o tom do outro. Os comandantes e generais só agora haviam tomado conhecimento do projeto de clonagem em andamento no monte Tantiss; Covell era um dos que ainda não se haviam acostumado com a idéia.

Talvez o fato de que três das companhias de assalto que comandava serem compostas de clones tivesse algo a ver com a demonstração de ceticismo.

Nos hologramas táticos as primeiras naves-transporte saíam do *Quimera* e do *Tempestade*, em direção aos alvos assinalados. Clones, a ponto de cumprir as ordens imperiais, assim como tripulações clonadas nos cruzadores camuflados haviam desempenhado bem a sua função.

Um pensamento desagradável ocorreu a Pellaeon. Será que C'baoth tivera facilidade para realizar sua parte porque os milhares de homens clonados eram uma combinação de mais ou menos vinte mentes? Ou pior ainda: será que parte do controle preciso do Mestre Jedi devia-se a ele próprio ser um clone?

De qualquer forma, o que poderia acontecer com o projeto do monte Tantiss entregue nas mãos de C'baoth, com sua sede de poder? Devia levar essas perguntas ao Grande Almirante...

Pellaeon olhou para C'baoth, lembrando-se da transparência de seus pensamentos. Contudo, o Mestre Jedi não estava tomando conhecimento de sua presença. Olhava atento para a frente, os olhos atentos, a pele do rosto esticada. Um breve sorriso começara a formar-se nos lábios.

— Mestre C'baoth?

— Estão lá — murmurou C'baoth, a voz rouca e profunda. — Estão lá, sim.

O capitão franziu a testa, olhando para o holograma tático.

— Quem está aonde?

— Em Filve. Meus Jedi estão em Filve! — exclamou, voltando os olhos na direção de Pellaeon.

— Mestre C’baoth, confirme que os cruzadores assumiram posição nos pólos do planeta — ordenou Thrawn, pelo comunicador. — Depois confirme os combates...

— Meus Jedi estão em Filve — interrompeu C’baoth. — Que me importam esses malditos combates?

— C’baoth...

Com um aceno de mão, C’baoth desligou o controle do comunicador, à distância.

— Agora, Leia Organa Solo... você será minha — murmurou, com expressão sonhadora.

O *Millenium Falcon* manobrou para estibordo, enquanto o caça TIE passou direto, com os canhões disparando e tentando seguir-lhe as manobras. Cerrando os dentes, Leia Organa Solo observou enquanto o inimigo explodia numa bola de fogo e destroços, abatido por um dos caça asa-X da escolta. O céu girou no visor acima deles quando a nave retomou o rumo original.

— Cuidado! — avisou Threepio, no assento atrás dela, enquanto outro caça se aproximava pelo flanco.

O aviso foi desnecessário. Com lentidão exasperante, o *Falcon* girou para oferecer chance de tiro às metralhadoras ventrais. Mesmo através da porta cerrada da cabine de comando, Leia escutou o brado de guerra wookie e, em seguida, o TIE seguiu o destino de seu companheiro.

— Belo tiro, Chewie — aplaudiu Solo, nivelando outra vez a nave. — Wedge?

— Estou aqui, *Falcon*. Por enquanto está tudo livre, todavia parece que mais uma esquadrilha de TIE está a caminho.

— Certo — respondeu Han; depois voltou-se para Leia. — A viagem é sua, meu bem. Ainda quer tentar aterrisar?

— O capitão Solo não está sugerindo... — começou Threepio, incapaz de conter a preocupação.

— Cale a boca, lata velha dourada! — Cortou Han. — Leia?

Ela olhou para o destróier do Império e para os oito cruzadores Dreadnaught que o acompanhavam, pairando ameaçadores sobre o planeta.

Aquela teria sido sua última missão diplomática antes do período de descanso para o nascimento dos gêmeos; uma viagem rápida para acalmar o nervoso governo de Filve e demonstrar a determinação da Nova República em proteger os sistemas daquele setor.

Que bela demonstração...

— Não há forma de passarmos por todos — disse ela, com relutância. — Mesmo que pudéssemos, duvido que iriam arriscar-se a abrir o escudo para nos deixar entrar. E melhor batermos em retirada.

— Para mim está ótimo — garantiu Han. — Wedge? Vamos sair. Fique conosco.

— Entendido, *Falcon*. Nos dê alguns minutos para calcularmos o salto de volta.

— Não se incomode, forneço os números daqui.

— Entendido. Esquadrilha Rogue, formação de defesa.

— Sabe, estou começando a ficar cansado disso tudo — comentou Han, passando o comando ao computador. — Pensei que tinha dito que seus amigos noghri iam deixá-la em paz.

— Isto não tem nada a ver com os noghri. Estamos assistindo as brincadeiras do Grande Almirante Thrawn, com seus novos Dreadnaught — respondeu, sentindo um pouco de dor de cabeça.

Seria impressão ou as forças do Império' ao redor de Filve abandonavam o cerco? Olhando para o marido, percebeu que ainda considerava o fato de o Império ter conseguido a Força Negra como sua responsabilidade exclusiva.

— E verdade. Mas não achei que fosse colocá-los em funcionamento tão depressa — respondeu Han, girando o nariz do *Falcon* para o espaço aberto.

Leia engoliu em seco. Sentia uma estranha tensão, como uma presença malévola e distante que pressionasse sua cabeça.

— Talvez ele tenha suficientes cilindros Spaarti para clonar engenheiros e técnicos, além de soldados.

— Não deixa de ser um pensamento divertido — respondeu Han. — Wedge? Olhe para Filve e me diga se estou vendo coisas, sim?

— Quer dizer algo como toda a frota interrompendo o ataque e vindo na nossa direção? — perguntou Wedge, demonstrando a mesma

surpresa.

— Exato.

— Creio que é isso mesmo que estão fazendo. Um ótimo momento para a gente ir embora, eu diria.

— Pode ser...

Leia achou que algo corria mal e olhou para o marido.

— Han?

— Filve mandou um pedido de socorro antes de erguer o escudo, certo?

— perguntou ele.

— Certo.

— E a base da Nova República mais próxima é Ord Pardron, certo?

— Certo — concordou Leia, com cautela.

— Muito bem. Esquadrilha Rogue, vamos mudar o curso para estibordo. Fiquem comigo.

Ele acionou o controle e o *Falcon* iniciou uma curva fechada para a direita.

— Cuidado, *Falcon*. Esse rumo vai nos levar direto à esquadrilha de caças TIE — avisou Wedge.

— Não vamos tão longe assim. Aqui está nosso vetor — disse Han, corrigindo o curso da nave e examinando o monitor traseiro. O computador de bordo emitiu um sinal sonoro, avisando que os cálculos estavam prontos.

— Lá vão as coordenadas...

— Espere um pouco, *Falcon* — pediu Wedge. — Temos companhia a estibordo.

Leia olhou na direção indicada, sentindo um aperto no estômago ao ver os caças inimigos aproximando-se, perto o suficiente para escutar qualquer transmissão feita aos caças de escolta. Mandar as coordenadas para Wedge seria um convite para que fossem recebidos por um comitê de recepção em seu destino.

— Talvez possa ajudar, Alteza — ofereceu Threepio. — Como sabe, domino seis milhões de formas de comunicação. Poderia transmitir

as coordenadas para o comandante Antilles em boordist, ou na linguagem comercial vaathkree, por exemplo...

— E quem iria fazer a tradução? — lembrou Han, de mau humor.

— Mas claro... não tinha pensado nisso. — exclamou o dróide, embaraçado.

— Não se preocupe. Wedge, você esteve em Xyquine dois anos atrás, não esteve?

— Estive... uma manobra Cracken?

— Isso mesmo. Em dois; um, dois.

Ao lado de fora, Leia viu a formação de defesa que se reunia ao redor do *Falcon*.

— O que vamos conseguir com isto? — indagou ela.

— Fugir — esclareceu Han, consultando o monitor de retaguarda. — Pegue as coordenadas, acrescente dois ao segundo algarismo de cada uma e depois envie o resultado aos caças.

Alterar o segundo algarismo não iria mudar a aparência geral dos números, mas garantia que qualquer perseguidor errasse o alvo por mais de dois anos-luz.

— Bem bolado — comentou Leia, entendendo à medida que fazia os cálculos. — E quanto a essa manobra complicada que acabaram de fazer? Foi só para despistar?

— Isso mesmo. Complica as coisas para quem esteja olhando. Pash Cracken inventou essa manobra sem sentido depois do fiasco em Xyquine — explicou Han. — Acho que temos dianteira suficiente para deixá-los para trás. Vamos tentar.

— Não vamos saltar para a velocidade da luz? — indagou ela. Tentou eliminar as recordações desagradáveis que vieram à sua mente: recordou a fuga de Hoth, com toda a frota de Darth Vader nos calcanhares. Naquela oportunidade o hiperdrive estava avariado...

— Não se preocupe, querida — disse Han, adivinhando-lhe os pensamentos. — Nosso hiperdrive está funcionando muito bem.

— Espero que sim.

— Enquanto estiverem nos perseguindo não irão incomodar-se com Filve — explicou Han. — E quanto mais os afastarmos, maior a probabilidade de os reforços de Ord Pardron chegarem a tempo.

— Acredito que já demos a eles tempo suficiente — disse Leia, assustando-se com a passagem de um raio esverdeado perto do visor. Em seu ventre, percebeu a inquietude dos gêmeos. — Podemos, por favor, sair daqui?

Um segundo raio resvalou no escudo defletor, reforçando o pedido.

— Tem toda a razão. Wedge? Está pronto?

— Quando quiser, *Falcon*. Vá na frente. Seguiremos assim que estiver a salvo.

— Certo — concordou Han, acionando os manetes do hiperdrive, num movimento suave.

Através do aço transparente acima deles, as estrelas se tornaram riscos luminosos. O *Falcon* escapara.

Leia respirou fundo e soltou devagar o ar. Na barriga, percebia a ansiedade dos gêmeos; por um instante, dedicou-se mentalmente a acalmá-los. Era uma sensação estranha, tocar mentes que lidavam com sentimentos e sensações em estado puro, ao invés de imagens e palavras. Era muito diferente de Han ou de Luke e dos outros.

Diferente, também, da inteligência distante que estivera orquestrando o ataque do Império.

Atrás dela, a porta abriu-se para dar passagem ao corpanzil de Chewbacca.

— Boa pontaria, Chewie — saudou Han, enquanto o wookiee desabava na poltrona ao lado de Threepio. — Teve mais algum problema com o braço mecânico horizontal?

Chewbacca rugiu uma negativa. Depois pousou os olhos escuros em Leia e formulou uma pergunta.

— Estou bem — assegurou ela, contendo lágrimas inexplicáveis. — De verdade.

Percebeu que Han também a fitava, com a testa franzida.

— Você não estava preocupada, estava? Era só uma força-tarefa do Império. Nada sério — comentou ele.

Leia balançou a cabeça.

— Não foi isso, Han. Havia mais alguma coisa naquele lugar. Uma espécie de... — Ela balançou a cabeça outra vez.

— Não sei explicar.

— Talvez seja algo parecido com sua indisposição em Endor — sugeriu Threepio. — Quando desmaiou, lembra? Chewbacca e eu estávamos consertando a nave e...

O wookie rugiu um aviso e o dróide calou-se. Tarde demais.

— Deixe continuar — pediu Han, desconfiado. — Que indisposição foi essa?

— Não foi nada, Han — assegurou Leia. — Em nossa primeira órbita ao redor de Endor, passamos pelo lugar onde a Estrela da Morte foi destruída. Por alguns segundos, senti a presença do Imperador ao meu lado. Só isso.

— Só isso? — repetiu, scandalizado, olhando de soslaio para Chewbacca. — Um imperador morto tenta dominá-la e você acha que não vale nem a pena comentar?

— Não seja bobo — protestou Leia. — Não aconteceu nada de grave. Acabou rápido e não houve nenhum efeito mais tarde. De verdade. De qualquer forma, o que senti em Filve foi diferente.

— E bom saber — troçou Han. — Por acaso algum médico examinou-a após isso?

— Bem, ainda não tive tempo...

— Vamos ao médico assim que voltarmos.

Leia suspirou e concordou com um gesto. Conhecía bem aquele tom de voz. Não pretendia iniciar uma discussão.

— Se der tempo...

— A gente arranja tempo. Ou mando Luke trancar você no centro médico quando voltarmos. E sério, meu bem.

Leia pressionou a mão dele, sentindo um aperto parecido no coração ao fazê-lo. Luke, sozinho em território do Império... mas estaria bem. Tinha de estar bem.

— Está certo. Prometo que vou marcar.

— Ótimo. O que sentiu em Filve?

— Não sei — hesitou Leia. — Talvez tenha sido o mesmo que Luke sentiu no *Katana*. Sabe... quando os clones da tropa de choque desembarcaram...

— Pode ser — concordou Han, com ar de dúvida. — Pode ser. Mas aqueles Dreadnaught estavam bem longe.

— Devia haver muito mais clones, também.

— E melhor eu e Chewie trabalharmos naquele estabilizador de fluxo iônico antes que estoure de vez. Você vai ficar bem aqui?

— Estou ótima — garantiu Leia, contente por mudar de assunto. — Vão indo vocês dois.

A outra possibilidade era algo que ela não desejava considerar no momento. Havia rumores, na época, de que o Imperador possuía a habilidade de usar a Força para exercer controle direto sobre seus militares. O Mestre que Luke enfrentara, em Jomark, possuía a mesma habilidade...

Acariciou o ventre protuberante e focalizou o pensamento nas duas pequenas almas em seu interior. De fato, não era algo em que quisesse pensar.

— Presumo que o senhor tenha algum tipo de explicação — declarou Thrawn, com voz fria.

Vagaroso, C'baoth levantou a cabeça para encarar o Grande Almirante. Com um esgar de desagrado, fitou o ysalamiri que Thrawn trazia preso aos ombros.

— O senhor também tem uma explicação, Grande Almirante Thrawn?

— Você interrompeu o ataque a Filve — acusou Thrawn, ignorando a pergunta. — Depois envolveu toda a força-tarefa numa perseguição inútil.

— E você, Grande Almirante Thrawn, fracassou em trazer meus Jedi. Você, seus noghri domesticados e os militares do Império... todos falharam — afirmou C'baoth, com voz poderosa.

Os olhos do Grande Almirante se estreitaram.

— E mesmo? Mas não fomos nós que deixamos Luke Skywalker escapar, depois que o fizemos ir a Jomark.

— Vocês não entregaram o Jedi Skywalker. Ele veio porque eu o chamei com a Força — argumentou C'baoth.

— Você se esquece que foi a Inteligência do Império que plantou o boato de que Jorus C'baoth fora visto em Jomark. Que foi um transporte do Império que o levou até lá e foram nossas naves de carga que proporcionaram os suprimentos para o castelo, na pista construída pela nossa engenharia — respondeu Thrawn. — Em resumo, o Império

fez sua parte para que você pudesse *chamar* Skywalker. E você falhou em mantê-lo lá.

— Não. Skywalker fugiu de Jomark porque você deixou Mara Jade escapar e envenená-lo contra mim. E ela vai pagar por isso, está ouvindo? Vai pagar.

O Grande Almirante permaneceu em silêncio por um longo tempo.

— Você lançou toda a força tarefa em perseguição ao *Millenium Falcon*

— disse ele, por fim. — Conseguiu capturar Leia Organa Solo?

— Não — respondeu C'baoth, sem se dar por achado. — No entanto, não porque não queira vir. Ela quer. Assim como Skywalker.

— Quer vir até você? — indagou Thrawn, olhando para Pellaeon.

— Sim, muito — murmurou o Mestre Jedi, com a voz suave e sonhadora. — Leia quer que ensine os filhos que vão nascer. Ensiná-los a serem Jedi. Criá-los à minha própria imagem. Porque eu sou o Mestre. O único Mestre que existe.

A disposição de C'baoth pareceu mudar e olhou para Thrawn, num misto de tom solene e súplica: — Precisa trazer meus Jedi, Grande Almirante Thrawn. Precisamos libertá-la e tirá-la do meio daqueles que temem seus poderes. Se não fizermos isto vão destruí-la.

— Claro que precisamos — respondeu Thrawn, tranqüilizador. — Porém, precisa deixar esta tarefa para mim. Só preciso de um pouco mais de tempo.

C'baoth franziu a testa e cofiou a barba, tocando o medalhão que trazia ao peito. Pellaeon sentiu um arrepio, jamais se acostumaria aos mergulhos nebulosos na loucura do clone. Sabia que fora um problema universal com os primeiros experimentos de clonagem: uma instabilidade emocional e mental, inversamente proporcional ao ciclo de crescimento. Alguns dos documentos científicos sobre o assunto haviam sobrevivido às Guerras Clônicas e Pellaeon lembrava de um deles, afirmando que nenhum clone gerado em menos de um ano seria bastante estável para sobreviver fora de um ambiente controlado.

Dada a destruição que liberaram na Galáxia, Pellaeon sempre presumira que os mestres dos clones tinham pelo menos uma solução

parcial para o problema. Se haviam descoberto a causa da loucura latente, era uma outra história.

Thrawn poderia ser o primeiro a compreender esse fato.

— Muito bem, Grande Almirante — disse C'baoth, de súbito. — Você terá uma última chance. Mas aviso; será mesmo a última. Depois, eu mesmo tomarei providências. E vou preveni-lo de mais uma coisa; se não conseguir cumprir mesmo uma pequena tarefa como essa, talvez eu o julgue indigno de liderar as forças militares do meu Império.

Os olhos avermelhados brilharam, porém Thrawn apenas inclinou a cabeça.

— Aceito seu desafio, Mestre C'baoth.

— Ótimo — respondeu o Mestre Jedi, ajeitando-se na poltrona e fechando os olhos. — Agora pode sair, Grande Almirante Thrawn. Desejo meditar e planejar o futuro de meus Jedi.

Por um instante o Grande Almirante permaneceu ali, em silêncio, os olhos fitando C'baoth. Depois, voltou-se para Pellaeon.

— Você me acompanha até a ponte, capitão. Quero estudar os sistemas de defesa de Ukio.

— Sim, senhor — concordou Pellaeon, contente por sair de perto do Mestre Jedi.

Antes, por um breve lapso de tempo, fez uma pausa, olhando para C'baoth. Havia algum assunto que queria discutir com o superior? Tinha quase certeza que sim. Algo relacionado a C'baoth, clonagem e o projeto do monte Tantiss... Porém o pensamento lhe fugia e, com um encolher de ombros, deixou a questão de lado. Com certeza viria à tona na hora apropriada.

Deu a volta aos monitores agrupados e seguiu o superior para fora da cabine.